

## **Pedagogia Ubuntuísta:** epistemologia antirracista na formação inicial docente

Soraia Lima Ribeiro de Sousa<sup>1</sup>

Raimunda Nonata da Silva Machado<sup>2</sup>

### **RESUMO**

A população negra brasileira há muito vem elaborando saberes no cotidiano de suas vivências a fim de superar o racismo, que é elemento estrutural na sociedade, nas relações sociais, no trabalho, na educação e, de modo mais específico, na formação inicial docente, quando este racismo se manifesta institucionalmente. Este artigo é um recorte reflexivo da pesquisa de dissertação intitulada "*África em nós: saberes ubuntu na formação inicial docente no curso de Pedagogia UFMA/Codó*", que analisou lugares de apropriação de saberes ubuntu na formação inicial docente, no curso de Pedagogia UFMA/Codó, entre os anos de 2020 e 2021. Esta faz uso da pesquisa participante de cunho qualitativo com perspectivas epistêmicas e teóricas decoloniais (Dussel, 2020) e afrocentradas (Asante, 2009). Na análise documental e do cotidiano (Passos, 2022) constata-se possibilidades de constituição de uma pedagogia ubuntuísta alimentada pela afrodocência (Sousa, 2022), que se apresenta como um conjunto de saberes e práticas, ligados aos princípios afrocêntricos, presentes no

---

<sup>1</sup> Mestra em Educação/UFMA. Técnica em Assuntos Educacionais/UFMA. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Educação Afrocentrada (MafroEduc Olùkò/CCSO/UFMA) e do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Educação, Mulheres e Relações de Gênero (GEMGe/UFMA); ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4895-292X>. E-mail: [soraia.lima@ufma.br](mailto:soraia.lima@ufma.br).

<sup>2</sup> Doutora em Educação. Docente do curso de Pedagogia/Departamento de Educação II e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal do Maranhão. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Educação Afrocentrada (MafroEduc Olùkò/CCSO/UFMA). Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Educação, Mulheres e Relações de Gênero (GEMGe/UFMA) e Núcleo Roda Griò/GEAfro (UFPI); ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7754-8128>. E-mail: [raimunda.nsm@ufma.br](mailto:raimunda.nsm@ufma.br).

cotidiano da formação inicial docente, que ocorre no curso de Pedagogia UFMA/ Codó, revelando que (re)existem epistemologias de pedagogias antirracistas em territórios nutridos de afrocentricidade.

**Palavras-chave:** ubuntu; formação inicial docente; pedagogia ubuntuísta.

## **Ubuntuist Pedagogy: anti-racist epistemology in initial teacher education**

### **ABSTRACT**

The Brazilian black population has long been developing knowledge in their daily lives in order to overcome racism, which is a structural element in society, in social relations, at work, in education and, more specifically, in initial teacher training, when this Racism manifests itself institutionally. This article is a reflective clipping of the dissertation research entitled "Africa in us: ubuntu knowledge in the initial teacher training in the UFMA/Codó Pedagogy course", which analyzed places of appropriation of ubuntu knowledge in the initial teacher training in the UFMA/Codó Pedagogy course, between the years 2020 and 2021. It makes use of participatory research, of a qualitative nature with decolonial (Dussel, 2020) and afro-centered (Asante, 2009) epistemic and theoretical perspectives. In the analysis of documents and everyday life (Passos, 2022), possibilities for the constitution of an ubuntuist pedagogy fueled by afro-teaching (Sousa, 2022) are found, which presents itself as a set of knowledge and practices, linked to afrocentric principles, present in the daily life of initial teacher training, which takes place at the UFMA/Codó Pedagogy course, revealing that (re)exist epistemologies of anti-racist pedagogies in territories nourished by afrocentricity.

**Keywords:** ubuntu; initial teacher training; Ubuntuist pedagogy.

# **Pedagogía Ubuntuista:** Epistemología antirracista en la formación inicial docente

## **RESUMEN**

La población negra brasileña viene desde hace mucho tiempo desarrollando conocimientos en su cotidiano para superar el racismo, que es un elemento estructural en la sociedad, en las relaciones sociales, en el trabajo, en la educación y, más específicamente, en la formación inicial del profesorado, cuando ese racismo se manifiesta mismo institucionalmente. Este artículo es un recorte reflexivo de la investigación de disertación titulada "África en nosotros: saberes ubuntu en la formación inicial de profesores en el curso de Pedagogía de la UFMA/Codó", que analizó lugares de apropiación del saber ubuntu en la formación inicial de profesores en la UFMA/Codó curso de Pedagogía, entre los años 2020 y 2021. Hace uso de la investigación participativa, de carácter cualitativo con perspectivas epistémicas y teóricas decoloniales (Dussel, 2020) y afrocentradas (Asante, 2009). En el análisis de los documentos y la cotidianidad (Passos, 2022), se encuentran posibilidades para la constitución de una pedagogía ubuntuista alimentada por la afrodocencia (Sousa, 2022), que se presenta como un conjunto de saberes y prácticas, vinculados a principios afrocéntricos, presente en el cotidiano de la formación inicial docente, que se desarrolla en el curso de Pedagogía UFMA/Codó, revelando que (re)existen epistemologías de pedagogías antirracistas en territorios alimentados por el afrocentrismo.

**Palabras clave:** ubuntu; formación inicial docente; pedagogía ubuntuista.

## **INTRODUÇÃO**

O ubuntu é uma filo-práxis africana que se tornou conhecido no Ocidente pela tradução "eu sou porque nós somos", porém, não expressa as complexidades que este conceito representa no continente africano, especialmente em comunidades onde

prevalece o *nós*, a coletividade. O *eu*, no contexto ubuntuísta, tem significado de grupo, redes ancestrais de relacionamentos interconectados em tempos e espaços diferentes, logo, é preciso ter cuidado com as interpretações associadas ao *eu* ocidental, individualista (Saraiva, 2019).

Segundo Santos e Menezes (2010, p. 21-22), o ubuntu, “ao promover uma atenção especial à pessoa humana, é exemplo de uma outra epistemologia (...) capaz de inspirar uma outra forma de estar e de ser no mundo, contribuindo para o debate global sobre os direitos humanos”. Assim, refletindo o ubuntu no território da educação, escolas e sistemas de ensino, é possível construir uma base epistêmica crítica às perspectivas pedagógicas coloniais, e, por meio da filosofia ubuntuísta, propor epistemologias afrocentradas e interculturais na formação das pedagogias antirracistas.

Nesse sentido, trabalhamos na busca por vestígios dos saberes ubuntu no cotidiano da formação inicial docente, mediante a realização da pesquisa de dissertação intitulada “África em nós: saberes ubuntu na formação inicial docente no curso de Pedagogia UFMA/Codó”, que investigou lugares de apropriação de saberes ubuntu na formação inicial docente no curso de Pedagogia da UFMA/Codó, entre os anos de 2020 e 2021.

No aspecto metodológico, refere-se a uma pesquisa participante de cunho qualitativo que fez uso do estudo bibliográfico sustentado em perspectivas decoloniais, afrocentradas e das bases conceituais da sociopoética (Gauthier, 2015); estudo documental que consistiu na análise do Projeto Pedagógico do curso, no intuito de localizarmos vestígios e indicações de saberes ubuntu neste documento institucional.

Desse modo, alinhamos as contribuições bibliográficas e documentais aos estudos com/do/no cotidiano e realizamos oficinas afrocentradas nomeadas de Oficinas Ubuntu: a África em nós, conforme a programação (disponível na figura 1), visando a produção de narrativas do cotidiano da formação inicial docente em relação aos saberes discentes acerca do ubuntu.

**Figura 1** – Card de divulgação da Oficina Ubuntu



**Fonte:** Sousa (2022)

Vinte e dois discentes (nomeados como co-pesquisadoras/es) participaram do estudo, sendo 4 (quatro) homens e 18 (dezoito) mulheres, regularmente matriculados em componentes curriculares do curso de Pedagogia da UFMA/Codó, nos períodos 2021.1 e 2021.2. São discentes que foram convidadas/os para compor o grupo-pesquisador e que estavam no 7º e 8º períodos, visto que, sendo os últimos semestres do curso, nos possibilitaria conhecer um acúmulo de experiências e saberes, considerando que se encontravam na iminência de concluírem o curso e, portanto, teriam uma perspectiva mais ampla acerca da sua formação inicial docente.

Assim, ao adentrarmos o campo de pesquisa, com intuito de fazer emergir vozes silenciadas pela modernidade/colonialidade e criar espaços de escuta das/os discentes do curso de Pedagogia da UFMA/Codó, mergulhamos no cotidiano da formação inicial docente, tendo em vista melhor compreensão dos vestígios da filosofia ubuntu, especialmente, a partir do curso de Pedagogia da UFMA/Codó, utilizando a sociopoética na construção e observação desse cotidiano.

A vista disto, este artigo faz um recorte sobre as possibilidades de constituição de uma pedagogia ubuntuísta, cujos saberes e práticas localizamos no cotidiano da formação inicial docente, que ocorre no curso de Pedagogia da UFMA/Campus Codó, revelando a (re)existência de epistemologias afrocentradas e antirracistas, logo, interculturais.

Vale ressaltar que a sociopoética é uma abordagem considerada relativamente nova, que nasceu há pouco mais de 20 anos no Brasil, foi elaborada com intuito de superar obstáculos impostos por métodos de pesquisa enrijecidos e que, muitas vezes, não permitem acessar informações importantes para compreender determinados fenômenos sociais, tal como nos aponta Gauthier (2015, p. 79): “um pouco do não consciente, não verbalizável entre na pesquisa é uma exigência para quem quiser ir além da superfície da vida”.

Assim, utilizar a sociopoética nos estudos com/do/no cotidiano, faz sentido uma vez que ambos buscam repensar modos de fazer pesquisa que não tratam e não comportam a complexidade, imprevisibilidade e pluridiversidade da vida e das pessoas. Segundo Oliveira (2008, p. 175) a

busca pelo imprevisível, pelo invisível aos olhos das teorias tomadas como verdades apriorísticas, requer a compreensão das teorias também como limites, na medida em que apenas aquilo que cabe em seu modo de entender o mundo pode ser percebido e formulado sobre suas bases. (...) À complexidade que reconhecemos no mundo, precisamos relacionar modos complexos de buscar compreendê-lo, de pesquisá-lo, de com ele dialogar e aprender. Ou seja, para buscarmos um

melhor entendimento de uma realidade que é múltipla, enredada, imprevisível, singular etc. precisamos modificar nossos hábitos e modos de pesquisar e de 'fazer a leitura' dos dados.

Destarte, ao considerar a realidade como imprevisível, múltipla, assim como singular, especialmente no espaço/tempo da formação inicial docente ofertada pelo curso de Pedagogia da UFMA/Codó, navegamos nos mares da pesquisa em que as narrativas das/os discentes fossem produzidas coletivamente e que se valorizassem a dialogicidade mediante o respeito pelas subjetividades das/os co-pesquisadoras/es.

### **UM COTIDIANO DE AFRODOCÊNCIA: onde estão as pedagogias antirracistas?**

O Estado do Maranhão, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, é um dos estados brasileiros com maior proporção de pretos e pardos, chegando à cerca 74% da população total, resultado do processo de escravização no Brasil. Neste vasto território, o município de Codó (universo deste estudo) fica localizado no leste maranhense, na região dos cocais, assim denominada em referência a enorme quantidade de palmeiras de coco babaçu que predominam na região. Atualmente, segundo dados do IBGE, o referido município tem uma população aproximada de 120 mil habitantes, dos quais cerca de 80% é negra (considerando pretos e pardos), o que acompanha a lógica proporcional do estado com a sua maioria da população negra.

É neste contexto e cotidiano de presença e (re)existência afrodescendente na cidade, que está inserida a formação inicial docente ofertada, na modalidade presencial, através do curso de Pedagogia, na UFMA/Campus Codó, que, conforme o Projeto Pedagógico do Curso – PPC, tem como objetivo “formar profissionais para atuarem nas seguintes áreas: Docência na Educação Infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental e em gestão educacional” (UFMA, 2018, p. 5).

Assim, motivadas pelo estudo da filosofia ubuntu, buscamos investigar a sua presença no cotidiano escolar e potencialidade humanizadora na formação inicial docente no curso de Pedagogia UFMA/ Campus Codó. Consideramos as influências culturais africanas presentes na região de Codó, motivo pelo qual nos debruçamos nas análises do PPC do curso e naquelas que dão ênfase ao cotidiano (Oliveira, 2008; Passos, 2014), com interesse especial nas experiências e vivências das pessoas e grupos, em cujo cotidiano são construídas e/ou ocorrem as relações sociais e de desigualdades raciais.

Na perspectiva da educação bancária (Freire, 1996), as vivências das/os discentes não poderiam ser consideradas nos e como processos formativos, portanto, Freire (1996) lamenta que as experiências cotidianas e extrassala de aula sejam negligenciadas e que, cotidianamente, não sejam priorizadas e/ou levadas em consideração nos processos formativos, dando espaço aos modelos pedagógicos hegemônicos que supervalorizam a transferência de conteúdos descontextualizados. Para Freire (1996, p. 23-24, grifo nosso):

uma das razões que explicam este descaso em torno do que ocorre no espaço-tempo da escola, que não seja atividade de ensinante, vem sendo uma compreensão estreita do que é educação e do que é aprender. No fundo, passa despercebido a nós que **foi aprendendo socialmente que mulheres e homens, historicamente, descobriram que é possível ensinar.** (...) Há uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço.

Essa pedagogicidade é alimentada na materialidade do espaço e ganha consistência epistêmica com o olhar crítico, rigoroso e cuidadoso sobre o cotidiano. Para os estudos com/do/no cotidiano, entendemos, de acordo com Oliveira (2008, p. 165), que este cotidiano se dá no

*espaço/tempo* (sic) da complexidade da vida social, na qual se inscreve toda produção de

conhecimento e práticas científicas, sociais, grupais, individuais. Daí a extrema importância de aprofundar seu estudo e desenvolver a compressão de sua complexidade intrínseca para pensarmos a realidade social.

A partir da realidade social e cotidiana do curso de Pedagogia da UFMA/Campus Codó, realizamos a análise documental do PPC, no intuito de buscarmos por vestígios e indicações de epistemologias de origem africana, antirracista e mesmo de saberes ubuntu neste documento.

Dessa maneira foi possível identificar que o documento apresenta como um dos objetivos do curso “formar profissionais da educação capazes de atuarem na sociedade de forma crítica/reflexiva em relação às questões decorrentes da desigualdade social” (UFMA, 2018, p. 7), vejamos que o documento demonstra preocupação em formar profissionais atentos e vigilantes para a realidade de desigualdade social brasileira e, podemos citar dentre estas desigualdades, o racismo, visto que a cidade onde o curso está inserido é constituída majoritariamente por pessoas negras.

Além disso, ao tratar das bases teóricas e filosóficas, que sustentam o processo de formação docente em Pedagogia, o documento aponta que estas devem se basear numa *rede de saberes* orientadas pelo global, mas especialmente pelo local. Tal iniciativa, corrobora com os argumentos de Castiano (2013, p. 50) de que a academia, e para este estudo, a formação inicial docente, deve “cultivar uma abertura epistemológica”, promovendo mudanças teóricas, epistemológicas, metodológicas e uma nova reorganização dos conhecimentos nas ciências.

Destaca-se, especialmente, que desde os fundamentos sócio filosóficos da prática docente do curso de Licenciatura em Pedagogia da UFMA/Codó, o documento determina o

estabelecimento de **relações mais igualitárias, justas e humanas** e a produção e democratização de conhecimentos socialmente significativos, em vistas à transformação da sociedade existente. Fundamentos pautados nos Direitos Humanos e

suas práticas humanistas, de cunho solidário e éticos (UFMA, 2018, p. 8, grifo nosso).

Aqui destacamos como o documento que regimenta a oferta do curso de Pedagogia da UFMA/Codó já se constitui como um importante elemento para a construção de uma epistemologia antirracista e de base ubuntuísta, compreendendo que “o ubuntu enfatiza essas alianças entre as pessoas e as relações entre elas mesmas” (Chaua, 2014, p. 43).

No que diz respeito à análise da organização curricular do curso, destacamos as disciplinas abaixo relacionadas por apresentarem em seus títulos e/ou nas ementas descritas no PPC, conteúdos que possibilitam o acesso da/o discente às temáticas africanas, afrodiaspóricas ou afro-brasileiras, possibilitando a discussão e a construção de epistemologias outras, a partir do acesso, partilha e apresentação de saberes e conhecimentos que se encontram na exterioridade da modernidade (Dussel, 2016), são elas:

1. Antropologia e Educação (60h) – do núcleo de estudos básicos, de cunho obrigatória;
2. Fundamentos e Metodologia do Ensino de História (60h) – do núcleo de estudos básicos, de cunho obrigatória;
3. Escola e diversidade: a educação para os direitos humanos (60h) - do núcleo de estudos básicos, de cunho obrigatória;
4. Identidade e gênero nas religiões de matrizes africanas (60h) - do núcleo de estudos básicos, porém consta como disciplina optativa que complementa a carga horária do curso;
5. Fundamentos da Educação do Campo (60h) - do núcleo de aprofundamento e diversificação de estudos, será obrigatória apenas para discentes que optarem pela área de atuação Educação do Campo;
6. Educação para as Relações Étnico-Raciais (45h) - do núcleo de aprofundamento e diversificação de estudos, comum a todas as áreas de atuação, independentemente da escolha pela área, deverá ser cursada por todas/os discentes portanto, obrigatória.

No prefácio do livro *Movimento Negro Educador*, de Nilma Lino Gomes, Santos (2017, p. 10) afirma que “pedagogia e epistemologia são, pois, duas dimensões do mesmo processo”, assim,

pensamento e ação se aglutinam entre o documento que sustenta a oferta do curso de Pedagogia da UFMA/ Campus Codó e o cotidiano de materialização da formação inicial docente. Logo, podemos inferir a construção de epistemologias plurais, de natureza antirracista.

O presente contexto de docência universitária torna-se uma prática social intercultural que se desenvolve no diálogo entre conhecimentos científicos e locais mediatizados por diferentes cosmovisões/cosmopercepções. A afrodocência surge nas práticas educativas de reconhecimento dos saberes da exterioridade moderna (DUSSEL, 2020), sendo estes afrocentrados e contracoloniais.

A afrodocência consiste, então, numa formação com princípios ubuntuístas criadora e recriadora de espaços de justiça curricular que reconhecem todas as humanidades e vivências socioculturais de africanas/os, afro-brasileiras/os, negras/os, afrodescendentes, indígenas, quilombolas, povos de terreiro, ribeirinhas/os, assentadas/os, quebradeiras de coco babaçu, ciganos entre outros.

Portanto, a pedagogia ubuntuísta para nascer e fortalecer-se necessita de um cotidiano de afrodocência capaz de tecer relações de resistência e insubmissão às políticas neoliberais/capitalistas e seus efeitos devastadores associado aos projetos colonialistas e imperialistas. Mas, o que nos levou a possibilidade de constituição de uma pedagogia ubuntuísta? Vejamos, a seguir, alguns elementos que nos conduziram a este tipo de pedagogia, gestada no cotidiano da formação inicial docente, no curso de Pedagogia da UFMA/Campus Codó.

## **POR UMA PEDAGOGIA UBUNTUÍSTA**

É no cotidiano da formação inicial docente, nas vivências das/dos discentes do curso, na relação com o corpo docente e com os demais atores da comunidade acadêmica que, no Curso de Pedagogia UFMA/Campus de Codó, vem sendo construída uma pedagogia ubuntuísta, entre as múltiplas possibilidades ou campos possíveis de pedagogias antirracistas.

É importante ressaltar que o termo pedagogia é usado em minúsculo para caracterizar conjunto de saberes e práticas, enquanto

Pedagogia, em maiúsculo, é comumente usado para se referir ao campo de conhecimento, como disciplina da Ciência da Educação (Andrade, 2016).

A emergência de uma pedagogia ubuntuísta no curso de Pedagogia da UFMA/Codó (como conjunto de saberes e práticas afrocentradas e contracoloniais) tem respaldo na análise documental do PPC do curso e na escuta das narrativas de vivências das/os discentes, durante as oficinas, sobre seu processo de formação inicial docente. Foi um mergulho no cotidiano das produções de saberes e práticas afrodescendentes e de relações étnico-raciais, construídas ao longo da formação inicial docente vinculada a realidade local afro-diaspórica do município de Codó/Maranhão.

Se o conceito de pedagogia diz respeito ao conjunto de saberes e práticas, como surgem e se proliferam com inúmeras adjetivações, a exemplo das chamadas pedagogias culturais, então, é possível criar um campo científico de pedagogias afrocentradas, tal como ocorre no interior dos Estudos Culturais, afinal, segundo Andrade (2016, p. 28),

o conceito de pedagogias culturais, amplamente acionado nos Estudos Culturais, apresenta-se como ferramenta teórica que corresponde a esse alargamento do que pode ser considerado pedagógico e quais lugares da cultura praticam pedagogias, ou seja, formas de regular os sujeitos, de conduzir a conduta, de orientar modos de ser e viver no tempo presente.

Assim, durante as oficinas de escuta que realizamos com as/os discentes do curso, foi possível identificar os “modos de ser e viver” próprios do curso de Pedagogia da UFMA/ Campus Codó, onde estão presentes saberes das africanidades, dentre os quais, os saberes ubuntu são revelados na interação com os estudantes sobre seu cotidiano na formação inicial docente. Como podemos constatar quando uma co-pesquisadora, durante as oficinas, afirma que

a gente vive assim dessa maneira porque a nossa cidade de Codó ela tem a população (...) em sua maioria negra, então **é muito mais fácil pra gente estudar dentro do contexto da nossa vivência, da nossa cidade**. Se fosse em outro estado, eu tenho absoluta certeza que não seria assim. (Co-pesquisador/a 2, 2021, grifo nosso)

Com base no cotidiano da cidade e das relações sociais/raciais estabelecidas durante a formação inicial docente, conforme expressado pela co-pesquisadora, vimos que a pedagogia ubuntuísta se materializa a partir das possibilidades plurais epistêmicas evidenciadas no PPC do curso de Pedagogia da UFMA/Campus Codó, bem como nos seus espaços/tempos porque, segundo Castiano (2010, p. 160), a formulação, aplicação e princípios ubuntuístas

**dependem profundamente, por um lado, do ambiente social e natural em que cada comunidade epistêmica vive** e, por outro o grau de exposição a que cada indivíduo ou grupo foi sujeito às instituições modernas de socialização, particularmente da educação, religião e mídias (grifo nosso).

Nessa perspectiva, a pedagogia ubuntuísta é constituída por um conjunto de saberes e práticas que se situam na exterioridade que tem sido desprezada pela modernidade (DUSSEL, 2016), ou seja, aqueles saberes e conhecimentos oriundos das raízes da tradição africana, embora (re)inventados nos cruzamentos e travessias interculturais das relações sócio-históricas no cotidiano e nas múltiplas localizações.

Nessa travessia (re)inventada, afro-brasileira e afro-maranhense, insere-se o cotidiano da formação inicial docente do curso de Pedagogia (UFMA/ Campus Codó), como pudemos constatar na seção anterior ao apontar as disciplinas obrigatórias e optativas no PPC do curso que possuem conteúdos de temáticas

africanas, afro-diaspóricas e afro-brasileiras. Além disso, vimos saberes e práticas durante as oficinas Ubuntu.

Uma co-pesquisadora se apresenta como quilombola e afirma: “eu vi um acolhimento muito grande dos meus professores pela minha trajetória, pela minha história e isso aí foi muito importante pra mim e é ainda hoje” (Co-pesquisador/a 5, 2021). Para ela, o acolhimento docente se refere ao respeito e valorização da sua cultura, história, saberes e trajetória como quilombola, a exemplo de quando a estudante é convidada para contar a sua história e a de sua comunidade em outras turmas do curso de Pedagogia e outros cursos ofertados no campus.

Segundo Dussel (2016), para que seja possível a afirmação da “exterioridade desprezada” no contexto da colonialidade e da modernidade, é preciso alguns passos, dentre eles: a descolonização e a autovalorização das experiências, saberes, conhecimentos, cultura, valores, estética, dentre outras, comumente rejeitadas nas estruturas do conhecimento científico moderno.

Nesse sentido, para que a pedagogia ubuntuísta seja efetivada, é necessária uma insubmissão epistêmica constante fortalecida por atitudes de reflexividade e consciência crítica, (re)afirmando a localização política, epistemológica e ontológica (poder-saber-ser) centrada nas próprias experiências, narrativas, histórias, memórias comunitárias de origem nas tradições africanas, afro-diaspóricas, afro-brasileiras e indígenas com localização América Latina (Gonzalez, 2020), uma vez que ser latino-americanos se constitui como parte da identidade brasileira.

Esta identidade que também é negra (embora seja constantemente vilipendiada pela branquitude e seus aparelhos ideológicos). Por diversas vezes, durante as oficinas, as/os co-pesquisadoras/es relataram ter (re)afirmado suas identidades negras durante o processo de formação docente, vejamos algumas destas narrativas:

A minha formação tem refletido em todo meu convívio social trazendo reflexões referentes ao meu pertencimento racial (Co-pesquisador/a 5, 2021)

Mas quando eu cheguei na UFMA, eu realmente descobri quem eu sou, o que eu sou e o que eu quero ser. Eu tinha vergonha do meu cabelo, eu tinha vergonha da cor da minha pele, de ficar chorando na frente do espelho mesmo para tirar a minha pele, queria porque queria ser branca, que eu queria porque queria ter o cabelo liso. (Co-pesquisador/a 8, 2021)

Temos uma ligação entre povos originários e da diáspora, a fim de criar maneiras plurais de produzir processos formativos que expliquem e definem sua própria cultura e história na travessia transatlântica do SER. Esses conjuntos de fatores, presentes no cotidiano do curso de Pedagogia, favorecem a construção de relações étnico-raciais assentadas nos saberes ubuntu, mediante a partilha, coletividade, nas experiências comunitárias.

Nesse sentido, e, ainda de acordo com Andrade (2014, p. 1), é válido destacar “como a cultura cria condições para que novas pedagogias, produzidas a partir de análises culturais, emergem a fim de dar conta das demandas do tempo presente”. Certamente, a cultura própria do curso de Pedagogia da UFMA/Campus Codó, em torno de uma educação antirracista, tem favorecido a constituição epistemológica de uma pedagogia ubuntuísta em seu cotidiano.

Ao longo do processo de formação inicial docente, no cotidiano, as/os discentes foram construindo laços de amizade, consciência de pertencimento ancestral às tradições ladino-amefricanas, acolhendo umas/uns às/aos outras/os e afetando-se mutuamente para que fosse possível a convivência com o diferente durante a formação docente. Essa postura não deve ser entendida como acontecimentos harmoniosos, sem conflitos, tensões e até mesmo disputas, uma vez que essas relações são tecidas no interior da colonialidade instaurada. A/o co-pesquisador/a 12, demonstra essas tensões no âmbito da religião de matriz africana:

Quando eu cheguei na universidade a primeira vez que eu me deparei com aquela turma inteira, né? Aí

eu de primeira eu vi alguém falando, não sei, não me lembro quem foi. Acho que 99% da turma era evangélicos e eu, por ser negro da religião de matriz africana, eu fiquei meio assim, né (corpo retraído), eu me fechei um pouco, aí eu entrei, fui conversando, foi indo, falando com os professores, alguns amigos também que eu fiz, aí foi indo, foi ficando tudo tranquilo, aí 'desapareceu' para mim. Eu fui ajudado nessa parte, na questão psicológica. (Co-pesquisador/a 12, 2021)

A/o discente narra o receio que teve ao iniciar a formação docente numa turma, que conforme afirma, era majoritariamente formada por pessoas adeptas de religiões evangélicas, descreve o receio e o medo que sentiu de sofrer algum preconceito por ser negro e de religião de matriz africana, cujo desconforto foi minimizado com apoio de um processo formativo intercultural.

Assim, inferimos que pedagogia ubuntuísta é um modo de ser-sentir-fazer capaz de educar com diálogo intercultural, visando relações étnico-raciais permeadas pela aceitação e respeito das diferenças, na superação de práticas racistas e da desigualdade a que a população afrodescendente está sempre submetida. Assim, no cotidiano, no convívio com o diferente vão se desfazendo medos, receios e as/os discentes vão se percebendo aceitas/os, vão se reconhecendo também como parte da comunidade construída durante a formação inicial docente.

Nesta pedagogia, a valorização da humanidade de cada pessoa é elemento fundante, neste sentido o indivíduo (eu) reconhece ser parte de uma comunidade (nós), contribuindo na superação dos preconceitos de sexo, cor, raça, classe, religião, mesmo num espaço de estruturas coloniais, como são as universidades brasileiras. Tudo isso se dá em espaços/tempos de valorização de identidades plurais, a exemplo dos estereótipos da negra sexualizada, evidenciados por discentes que, sentem-se acolhidas/os quando uma pedagogia ubuntu contribui na travessia do SER a si mesmo, no autorreconhecimento e valorização da sua identidade racial e sexual.

Vale destacar que, para Mbembe (2018, p. 143-144), a escravização, a colonização e o apartheid dominam o discurso negro na história mundial, e como consequência destes três eventos, no passado e até hoje a pessoa negra foi/é separada de si mesma, ou o que ele chama de *empobrecimento ontológico*, no qual motivou uma

tal perda de familiaridade consigo mesmo que o sujeito, tornado estranho para si mesmo, teria sido relegado a uma identidade alienada e quase inerte. Assim em vez do ser junto a si mesmo (outro nome da tradição), que deveria ter sido sempre a sua experiência, ter-se-ia constituído numa alteridade na qual o eu teria deixado de se reconhecer: o espetáculo da cisão e do desmembramento (...) uma singular experiência de sujeição, caracterizada pela falsificação de si pelo outro (Mbembe, 2018, p. 143-144).

Essa construção ubuntuísta, como epistemologia da pedagogia antirracista, caracteriza-se ainda pelo resgate de valores civilizatórios de comunidades tradicionais de origem africana, a exemplo de experiências bantu que encontramos em algumas comunidades de terreiro e quilombolas, como fonte de preservação e sustentabilidade de princípios, tais como:

um humanismo intenso, carinho, partilha, respeito, compaixão, e os valores associados, valores esses que visam assegurar uma vida comum feliz e humana no espírito familiar. Valores seriam, nesta óptica, os fundamentos básicos da forma como uma pessoa acha que a sua vida e a dos outros deveriam ser vividas, influenciando as escolhas, as atitudes e os objetivos de cada indivíduo na comunidade. (Castiano, 2010, p. 164)

Alguns desses valores apontados por Castiano (2010) são os próprios princípios ubuntuístas que apareceram na forma de confetos - conceito + afeto, (Gauthier, 2015) produzidos nas oficinas ubuntu

que realizamos junto com as/os discentes do curso, alguns destes pudemos identificar nas narrativas apontadas anteriormente. São eles: humanidade, interdependência, comunidade, acolhimento, ancestralidade, matrilinearidade, pertencimento, amorosidade, dentre outros, conforme apresentamos na figura 2.

**Figura 2** – Mandala de confetos nos lugares de apropriação de saberes ubuntuístas



**Fonte:** Sousa (2022).

Esses princípios foram revelados, durante a realização de duas oficinas Ubuntu: quando as/os co-pesquisadoras/es (discentes) narraram situações de solidariedade, partilha de recursos financeiros, sonhos e objetivos em comum, ou ainda, em conversas e apoios que dão/recebem/retribuem entre seus pares, do corpo docente e da comunidade acadêmica do Campus Codó/UFMA.

Uma característica da pedagogia ubuntuísta, que precisa ser aproveitada como episteme de educação antirracista é a ancestralidade, cujo conhecimento permite a contextualização

(espacial/temporal/conceitual) de uma comunidade sem limites geográficos físicos e estáticos. Considerando a história do município de Codó, com ancestralidade africana e de população majoritariamente afrodescendentes, os saberes ubuntu estão presentes no cotidiano das pessoas porque atravessaram gerações, sendo repassados e ensinados nos testemunhos vivos (escrito ou oral), carregam a memória viva da África como herança (Hampatê Bâ, 2010).

Vimos, neste estudo, que é possível encontrar epistemes de educação antirracista no cotidiano das comunidades. Os elementos da tradição ubuntu ainda se manifestam no modo de viver comunitário nos quilombos, nas religiões de matrizes africanas, na partilha comunitária, característica peculiar, também, das populações do Nordeste Brasileiro, especialmente aquelas localizadas no interior do Estado. Uma apropriação dos valores e saberes tradicionais é importante no sentido de apartá-los da lógica neoliberal e capitalista, pois, em atitudes pouco evidenciadas encontramos grupos partilhando das adversidades em diferentes dimensões do cotidiano e não é diferente na formação docente, na partilha de uma xerox quando um/a colega não dispõe do recurso financeiro, na escuta atenta de um desabafo, como narrado por co-pesquisadoras/es durante as oficinas. Vejamos:

quando os meus colegas acreditam em mim, quando me incentivam, muitas vezes eu não tinha dinheiro para a xerox e meus colegas dividiam comigo e vice e versa, eu acho que é uma construção. **A formação deve ser um companheirismo, deve ser uma coletividade e não uma disputa (...)** porque **a ideia deve ser um ajudar o outro** (Co-pesquisador/a 5, 2021) (grifo nosso).

No que se refere a ancestralidade, Pontes (2020) demonstra a sua presença nas experiências comunitárias de africanas/os e

descendentes de africanas/os no Brasil, desde o período colonial, quando afirma que,

sendo preciso retornar às experiências comunitárias e cooperativas que esses grupos já vivenciaram (herança de seus antepassados, repassadas por gerações), no momento de dor, a saída era olhar para trás (Sankofa) e firmar um pacto de compromisso com a/o outra/o africana/o escravizada/o, mesmo sendo de etnias diferentes. Mulheres e homens acolhendo-se com energias ancestrais, toques, cheiros, afetos, choros, risos e principalmente escutas e observações, reiventavam suas diferenças e resguardavam todas as estratégias de reorganização. Cada mulher e cada homem foram trazendo suas formas de conhecer e organizar e assim foram tecendo suas histórias e recriando mapas que deram direcionamento a uma ação conjunta, percebendo o que havia em comum entre elas e eles: a sobrevivência do povo negro fora de África.

Fazer uso de uma pedagogia ubuntuísta, portanto, significa tecer estratégias ancestrais de valorização da vida e de experiências comunitárias, de construção coletiva, de estratégias de partilhar, ao promover o reconhecimento da humanidade de todos os fenômenos, neste sentido, na área educacional a pedagogia ubuntuísta busca valorizar o sentido coletivo e comunitário das práticas educativas conectadas com a valorização da vida de todos os seres humanos em sua completude. E, como isto é possível?

À existência ubuntuísta nos sistemas de ensino, faz-se necessário a compreensão da cosmopercepção africana, incluindo a ancestralidade. No curso de Pedagogia (Campus Codó/UFMA) isto é possível pela tradição viva nos terreiros que alcançam a universidade, por meio das pesquisas que se desdobram em trabalhos de extensão e ensino, afinal, a ancestralidade existe, sobretudo, pela histórica preservação das religiões de matriz africana.

Nas tradições africanas, as grandes dimensões da ancestralidade são: o mundo dos deuses e antepassados, dos humanos e da natureza. Desta perspectiva, decorrem a

responsabilidade humana com a existência, com a vida, o amor, a generosidade, quando entendemos e vivemos a ideia de que cada ser (tudo aquilo que existe) tem força vital, tem uma divindade e, portanto, merece ser respeitado, valorizado e reconhecido.

Para (re)viver esse sentido ubuntuísta são fundamentais as pesquisas acadêmicas que incorporam esses saberes dos terreiros, das comunidades quilombolas nas universidades e, por conseguinte, nas ciências, tecnologias, processos que alcançam, assim, a formação inicial docente que poderá ganhar amplitude na constituição do SER, mediante as aprendizagens de valorização dos saberes tradicionais, religiosos e espirituais, incidindo em práticas educativas mais humanizadas na educação básica e superior.

Durante uma das oficinas Ubuntu, o Prof. Dr. Roberto Chaua (2021) afirmou o seguinte:

você entendendo essa forma de organização e essa forma de compreender a vivência coletiva, você percebe que de fato, mesmo que o termo ubuntu não esteja enunciado no dia a dia e na forma como as pessoas vão se referir umas as outras, ele está ali de alguma forma atravessando o que nós somos e nos dizendo onde nós devemos caminhar. Ele está ali nos remetendo sempre que se nós quisermos ser fortes, precisamos ser fortes com os outros. Se nós precisamos avançar, só avançaremos se os outros também avançarem (Chaua, 2021).

Neste sentido, a pedagogia ubuntuísta se caracteriza ainda pela vivência coletiva, na interdependência e no suporte que uns dão aos outros na superação das adversidades. De fato, foi/é assim que as comunidades negras, seja em África ou na diáspora tem resistido historicamente aos projetos de extermínio e genocídio de suas populações. De acordo com Pontes (2020),

reconectar às práticas organizativas baseadas nas ancestralidades é ponto fundamental que move e moverá sempre nosso futuro. A organização de uma

sociedade que segue os princípios ancestrais está calcada na prática da solidariedade-comunidade.

Certamente, os confetos acolhimento, amorosidade, humanidade, pertencimento, os grupos de sororidade, interdependência, comunidade e tantos outros são, ao mesmo tempo, conceitos e afetos vivenciados durante a formação inicial docentes das/dos co-pesquisadoras/es, como narrado durante as oficinas. São também saberes e estratégias que, certamente, mantêm as/os discentes no curso, sendo um dos fatores que têm colaborado para que o curso de Pedagogia UFMA/Campus Codó mantenha altos índices de conclusão se comparados a outros cursos no Campus.

Nosso argumento é de que o útero, ou seja, o lugar onde a pedagogia ubuntuísta é gestada, são as próprias vivências cotidianas de formação inicial docente no curso de Pedagogia da UFMA/Campus Codó, associado à concepção de educação presente no PPC do curso, qual seja, em conformidade com a Resolução CNE/CP nº 2/2015, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em nível superior e para formação continuada, como sendo

o conjunto dos processos formativos que se desenvolvem, através da convivência humana, no trabalho, na vida familiar, nas instituições de ensino, nos movimentos sociais, organizações da sociedade civil e nas relações criativas com a natureza e com a cultura (UFMA, 2018, p. 6).

Assim, tanto no documento quanto na prática cotidiana vivenciada pelas/os discentes, aparecem vestígios de resistência aos modelos de formação hegemônicos dos quais o curso, em questão, não está isento de ter influências, na medida em que precisa atender exigências de adequação às políticas educacionais, como a BNC-formação.

Para Asante (2009) um projeto afrocêntrico precisa necessariamente adotar as seguintes características: "1) interesse pela localização psicológica; 2) compromisso com a descoberta do lugar

do africano como sujeito; 3) defesa dos elementos culturais africanos; 4) compromisso com o refinamento léxico; 5) compromisso com uma nova narrativa da história da África.”

Assim sendo, a pedagogia ubuntuísta, é expressamente afrocentrada quando consegue promover a valorização das culturas, epistemologias, conhecimentos, narrativas e experiências de matrizes africanas, como vimos, mediante: a valorização da presença de corpos afrodescendentes, quilombolas, religiosos de matriz africana; a promoção das africanidades presentes nos espaços/tempos de um cotidiano marcado pelas cosmopercepções ancestrais; o convívio na formação inicial docente de aquilombamento e pertencimento que impulsiona a travessia do *ser* africanizado com seus saberes e práticas nas diásporas.

Vale ressaltar que esta epistemologia de educação antirracista, por meio da pedagogia ubuntuísta ou pelo modo de ser/saber/fazer característicos do curso de Pedagogia da UFMA/Campus Codó, não está isento de conflitos. Vejamos:

No convívio cotidiano, como pudemos presenciar, durante uma das oficinas ubuntu, uma discussão de alunas em relação ao uso de vestido ou não nas sessões de fotos de formatura (um confronto com a tradição moderna eurocentrada) e ficaram de decidir posteriormente em conjunto, mesmo algumas já afirmando categoricamente que não usariam, também o discente que se reconhece como negro e pratica a religião de matriz africana, não deixou de sentir medo e se questionar se seria aceito em sala de aula ou não.

Nas práticas educativas, estes tensionamentos também se materializam, nas ausências de referências e intelectuais de origem africana nas disciplinas do curso, ou na dificuldade das/os co-pesquisadoras/es em lembrar das referências dos textos estudados durante a formação docente, citando notadamente que tiveram mais acesso a referências norte-europeias e brasileiras, como Paulo Freire que foi muito citado.

Nesse cotidiano de educação antirracista, há tensões com a pedagogia bancária historicamente estabelecida e que tem nos ensinado a transmitir e ensinar saberes docentes e preparar as/os futuras/os docentes munindo-os de conhecimento científico e técnico, acentuadamente eurocêntricos. A pedagogia ubuntuísta é uma maneira de promover processos formativos na constituição do ser-saber-fazer docente crítico e reflexivo diante das realidades sociais, conforme apontado, anteriormente, no PPC do curso.

Desta forma, a pedagogia ubuntuísta se constitui como uma forma de reinvenção, de pensar e navegar por novas práticas e estratégias de formação inicial docente, superando práticas de formação docente hegemônicas e monoculturais. Em síntese, a pedagogia ubuntuísta, que analisamos no encontro com o cotidiano do curso de Pedagogia da UFMA/Campus Codó, é constituída pelos seguintes elementos:

- 1- Cotidiano de saberes e práticas afrodescendentes;
- 2- Saberes e práticas que se situam na exterioridade desprezada pela modernidade (DUSSEL, 2016);
- 3- Localização epistemológica centrada nas narrativas comunitárias de origem nas tradições africanas, afrodiaspóricas, afro-brasileiras e indígenas;
- 4- Educação com diálogo intercultural;
- 5- Valorização da humanidade;
- 6- Valorização de identidades plurais;
- 7- Existência com fundamento na ancestralidade e na vivência coletiva;
- 8- Atitude epistêmica afrocentrada de valorização dos corpos afrodescendentes.

Portanto, este estudo discutiu um esforço de intersubjetivação (CASTIANO, 2013), de se auto assumir como sujeito, realizando o diálogo e o convívio com as demais culturas, outrora estabelecidas, buscando a constituição de epistemologias antirracistas que provoquem mudanças e resistências, tão urgentes e necessárias na educação, frente a inserção e imposição de concepções de educação que pretendem perpetuar práticas coloniais, que nos objetiva, expropria e que nos roubam de nós

mesmas/os ao negarem e/ou subalternizarem nossos saberes, histórias, narrativas e vivências.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Desse modo, foi possível conhecer o caráter transgressor do PPC do curso da UFMA/Codó, não só pela inserção de conteúdos de valorização dos conhecimentos e epistemologias africanas, afrodiaspóricas e afro-brasileiras, mas por apontar, desde as bases e fundamentos do curso, princípios que se aproximam da noção de saberes ubuntu.

Este documento apresenta possibilidades de resistência às prescrições tecnicistas dos marcos legais e diretrizes educacionais nacionais orientados por princípios neoliberais que pretendem formar a/o profissional apenas para o mercado de trabalho, secundarizando ou desconsiderando saberes locais, cujas reflexões contribuem em processos de conscientização crítica, emancipação e transformação das realidades.

O modo de ser/saber/fazer próprio deste curso de Pedagogia da UFMA/Campus Codó, evidenciou-nos possibilidades de constituição de epistemologias antirracistas na educação, a exemplo da pedagogia ubuntuísta que pode ser criada por um conjunto de saberes e práticas que decorrem do caráter transgressor e decolonial e afrocentrado do PPC do curso e de sua materialização no cotidiano das relações sociais/raciais do curso a que se destina.

Além disso, documento e cotidiano político-pedagógico-epistêmico quando orientados pela amorosidade freireana, criam tempos/espacos para construção de relações sociais (étnico-raciais), a partir da valorização de vivências coletivas/comunitárias, tal como vimos na valorização da história e cultura da cidade de Codó, as suas manifestações culturais e saberes ancestrais de origem africana, assim como o fato de que é uma cidade com população majoritariamente afrodescendente.

A análise de lugares com possibilidades de pedagogia ubuntuísta contribui para discussões epistêmicas e sociais que produzem e valorizam os conhecimentos advindos da África e da diáspora negra para que os/as alunos/as negros/as, também tenham as suas memórias, suas histórias, seus valores, experiências e saberes valorizados e reconhecidos nos sistemas de ensino, na escola, na educação básica e superior, entendendo que o/a docente em formação tem potencial transformador da realidade escolar.

São essas posturas contra-coloniais/decoloniais e afrocentradas que criam um cotidiano de afrodocência como profissionalidade afrocentrada, crítico-reflexiva, emancipatória, libertadora. Afinal, busca justiça curricular, inclusão social, combater o epistemicídio mediante o diálogo intercultural com a história, conhecimentos, saberes e experiências africanas, afrodiaspóricas, afro-brasileiras, ladino-amefricanas. Por tudo isso, deve-se promover uma reeducação das relações étnico-raciais e, por conseguinte, a superação do racismo epistêmico no cotidiano das salas de aula.

Dessa forma, a pedagogia ubuntuísta, permeada pelos saberes ubuntu, pode colaborar para a adoção de outras epistemologias e saberes na formação inicial docente, construindo perspectivas de pluriversalidade de que o mundo é composto, dando atenção ao diálogo intercultural, conforme as experiências locais euroafroameríndias.

## Referências

ANDRADE, Paula Deporte de. Cultura e pedagogia: a proliferação das pedagogias adjetivas. **X ANPED SUL**, Florianópolis, out. 2014. Disponível em: [http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq\\_pdf/671-0.pdf](http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/671-0.pdf). Acesso em 25 jan. 2022.

ANDRADE, Paula Deporte de. **Pedagogias culturais** – uma cartografia das (re) invenções do conceito. Tese. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre - RS, 2016. Disponível

em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/143723>. Acesso em: 30 jan. 2022.

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. (Org). **Afrocentricidade**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

CASTIANO, José P. **Referenciais da Filosofia Africana**: em busca da intersubjetivação. Moçambique: UDEBA, 2010.

CASTIANO, José P. **Os saberes locais na academia**: condições e possibilidades da legitimação. Maputo: Editora Educar; CEMEC; Universidade Pedagógica, 2013.

CHAU, Roberto. Sobre a África: Questões, tradições e ubuntu. Pensando os ritos de iniciação em Moçambique. **Revista Teias**. V. 14, n. 35, 2014. p. 38-53. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24402>. Acesso em: 25 jul. 2020.

DUSSEL, Enrique. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. **Revista Sociedade e Estado**. v.31, n.1, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/wcP4VWBVw6QNBvq8TngggQk/?lang=pt>. Acesso em: 12 mai. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários a prática educativa. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAUTHIER, Jacques. Sociopoética e formação do pesquisador integral. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**. Salvador. v. 4, n. 1. 2015, p. 78-86. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/459>. Acesso em 01 jun. 2020.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: RIOS, Flávia.; LIMA, Márcia. (orgs) **Por um feminismo afro latino americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HAMPATÊ BÂ, A. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph. (org). **História Geral da África**: metodologia e pré-história da África. 2ed. Brasília: UNESCO, 2010. V. 1. Disponível em:

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/345975/mod\\_forum/intro/hampate\\_ba\\_tradicao%20viva.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/345975/mod_forum/intro/hampate_ba_tradicao%20viva.pdf). Acesso em 7 out. 2021.

MBEMBE, Achile. **Crítica da razão negra**. Trad: Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 32, n.94, junho/2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v32n94/0102-6909-rbcsoc-3294022017.pdf>. Acesso em 19 jun. 2020.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Estudos do cotidiano, pesquisa em educação e vida cotidiana: o desafio da coerência. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 9, n. especial, out. 2008. p. 162 – 184. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1050>. Acesso em 19 mar. 2021.

PASSOS, Mailsa Carla Pinto. Encontros cotidianos e a pesquisa em educação: relações raciais, experiência dialógica e processos de identificação. **Educar em Revista**. Curitiba. N. 51, jan./mar. 2014. p. 227 – 242. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/33398>. Acesso em 16 mar. 2022.

PONTES, Katiúscia Ribeiro. Mulheres Negras e a força matricomunitária. **Revista Cult**. N. 254, Meio digital. 2020. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/mulheres-negras-e-a-forca-matricomunitaria/>. Acesso em: 4 mar. 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa.; MENESES, Maria Paula (orgs). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina S.A., 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Prefácio. In: GOMES, Nilma Lino. **movimento negro educador: sabres construídos nas lutas por emancipação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

SANTOS, Antônio Bispo. **Colonização, Quilombos: modos e significações**. 2 ed. Brasília, DF: INCTI, 2019.

SARAIVA, Luís Augusto Ferreira. O que é e o que não é ubuntu: crítica ao “EU” dentro da filosofia ubuntu. *Problemata: Revista Internacional Filosofia*. V.10, nº 2, 2019. p. 93-110. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/problemata/article/view/49161#:~:text=Ubuntu%20se%20traduz%20em%20um,%E2%80%9CEu%E2%80%9D%20sobre%20a%20comunidade>. Acesso em 20 mai. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. Campus VII/Codó. **Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia**. Codó: UFMA/Campus de Codó/MA, 2018.

Recebido em: *Agosto/2023*.

Aprovado em: *Mai/2023*.